

De Perto Ninguém é Normal¹

Leonardo Freire da CRUZ²
Ricardo Pedrosa de MACEDO³
Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

Buscando quebrar paradigmas e desmontar o conceito que temos acerca da normalidade, o ensaio “De Perto Ninguém é Normal” traz imagens de pessoas que se enquadram nos estereótipos que essa palavra carrega consigo dentro da nossa cultura, mas mostra que, na verdade, mudando um pouco nosso ponto de vista é possível perceber que os padrões se referem a algo ideal, a pessoas perfeitas, porém nós não somos ideais, somos humanos. O normal é um conceito individual e mutável. O que você considera belo hoje pode não mais te atrair amanhã. A atitude que parece certa num momento, pode se tornar digna de punição em outro. Para confirmar o que digo basta relembrar o tempo em que o cigarro era ícone de luxo e elegância, naquele momento considerava-se normal fumar dentro de restaurantes e até de salas de aula, porém hoje qual seria sua reação se essas situações acontecessem?

PALAVRAS-CHAVE: normal; fotografia; fisheye; distorção; quebra de paradigma

1. INTRODUÇÃO

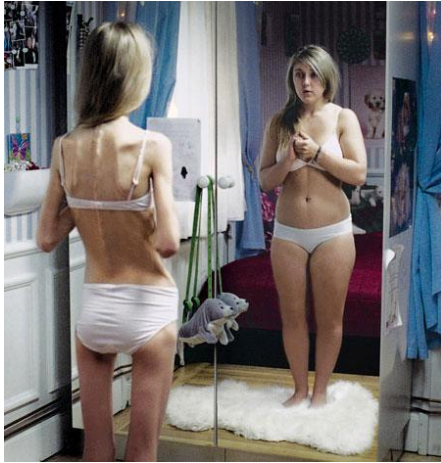
A palavra normal vem do grego *normalis* e significa “comum, usual, de praxe; que segue uma norma ou uma regra” e é uma palavra que atende aos dois gêneros, tanto masculino quanto feminino. Entretanto, o que é normal? A definição encontrada no dicionário traz uma explicação literal, mas existe muito mais por trás dessa palavra. Ela é carregada de valores, alguns bons, outros nem tanto, mas o fato é que normalidade vai além do que está nos dicionários. Essa palavra, em apenas duas sílabas, é capaz de mudar o rumo da vida das pessoas. Um exemplo é o caso de Jamey Rodemeyer⁴ que preferiu desistir da vida a continuar lutando contra os que o julgavam como diferente e afirmavam que ele não era “normal”.

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Ensaio fotográfico artístico (conjunto).

² Aluno líder do grupo e estudante do 2º Ano do Curso de Publicidade e Propaganda, e-mail: leonardo@leonardo.fot.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda, e-mail: ricardo@up.com.br.

⁴ Jamey Rodemeyer (Buffalo, 21 de março de 1997 - Amherst, 18 de setembro de 2011) foi um estudante e ativista estadunidense. Declarado como bissexual, Jamey postava vídeos no YouTube, bem como outras informações em redes sociais, nas quais ele comentava sobre o bullying homofóbico do qual era vítima e apoiava aqueles que passavam por situação semelhante. Suicidou-se em 18 de setembro de 2011, após sofrer por algum período com crescente intimidação. Suas postagens virtuais e a notícia de seu suicídio causou grande comoção por várias partes do mundo, e se tornou um exemplo de tragédias que podem vir a resultar do bullying. (Fonte: Wikipedia)



Fonte da imagem: <http://hypescience.com/>

A sociedade precisa entender que o normal é questão de opinião ou ponto de vista. Estamos em um ponto em que para ser aceito é preciso obedecer a padrões, a normas impostas pela sociedade e isso é muito negativo. Os jovens acabam sendo as principais vítimas dessas imposições, por terem maior necessidade de se sentir inseridos em um grupo. O Dr. Drauzio Varela fez uma entrevista interessante com o Dr. Táki Cordás⁵ em que o assunto era Anorexia e Bulimia, doenças características de pessoas com baixa autoestima, que buscam entrar nos padrões impostos pelas grandes mídias, pela sociedade, pela indústria da moda. Essas duas doenças, ao lado da depressão, já são citadas como o mal do século.

Considero muito mais “normal” a pessoa estar acima do peso do que ela chegar à morte na sua busca pela “normalidade”. E o que preocupa muito é ver que essa busca já não é exclusiva de um gênero ou faixa etária⁶, a busca pela aceitação é uma doença que caminha para a epidemia e precisa ser contida.

O mundo será melhor quando as pessoas acreditarem que ser diferente é normal, que você não precisa se encaixar em nenhum padrão nem se modificar para ser aceito. Você não precisa ser o descolado, o legal. Até o ídolo Caetano Veloso, que viveu o auge da Jovem Guarda⁷ e foi um dos ícones da irreverência daquela época admitiu em sua música “Vaca Profana”⁸ que também sabe ser careta, e disse mais, disse que, de perto, ninguém é normal, a frase que deu nome a este ensaio:

Dona das divinas tetas
Quero teu leite todo em minha alma
Nada de leite mau para os caretas

Mas eu também sei ser careta
De perto, ninguém é normal
Às vezes, segue em linha reta

⁵ Táki Cordás é médico psiquiatra e professor de Psiquiatria na Universidade de São Paulo. A entrevista pode ser lida na íntegra no site <http://drauziovarella.com.br/letras/a/anorexia-nervosa-e-bulimia/>

⁶ A Associação Britânica de Especialistas em Dieta (BDA, na sigla em inglês) divulgou um alerta sobre o aumento no número de casos de distúrbios alimentares como bulimia e anorexia nervosa entre mulheres acima dos 50 anos na Grã-Bretanha. http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/080304_anorexiapacientesidade_np.shtml

⁷ Foi um movimento para renovar em estilo jovem musical até 1965 e com estilos de beatlemania Mais informações em <http://www.culturaemusica.com/pesquisa/jovemguarda.htm>

⁸ Música Vaca Profana, Composição Caetano Veloso. <http://letras.mus.br/caetano-veloso/44789/>

A vida, que é “meu bem, meu mal”
(Trecho da Música Vaca Profana, Caetano Veloso)

O compositor começa essa musica desejando o “leite mau” para os caretas, mas ao longo da história ele vai percebendo que ser careta também é normal, visto que o normal para ele era ser descolado e irreverente, e no final admite que também sabe ser careta e afirma que, de perto, ninguém é normal.

2. OBJETIVO

Com base em referências encontradas nos mais diversos assuntos, esse trabalho tem como objetivo mostrar através de uma sequencia de fotografias que não existe ninguém perfeito, ideal. As imagens trazem pessoas comuns, pessoas que não chamam atenção ao andar na rua, pessoas normais. Mas será que elas são assim tão normais? Por mais que a pessoa pareça não ter defeitos num primeiro momento, o olhar do espectador pode distorcer a realidade e criar defeitos, afinal, de perto, ninguém é normal.

3. JUSTIFICATIVA

O ser humano diz ser um animal racional, que se difere dos demais por sua capacidade cognitiva. Temos essa capacidade de raciocinar, que nos levou ao topo da hierarquia no mundo animal. Se o leão é o rei da selva, o *homo sapiens* é o rei do mundo. Mas com grandes poderes vêm grandes responsabilidades, e uma delas é o senso de justiça, para que não favoreçamos ou prejudiquemos nada ou a ninguém. O grande problema é que nem sempre essa regra se aplica, e as pessoas acabam julgando deliberadamente os outros, e esse pré-conceito nem sempre é justo. Ele pode até parecer correto, mas existem muitas variáveis a se analisar antes de poder determinar se algo é certo ou errado, questões que passam pela cultura do indivíduo, de onde ele veio, como foi criado, também questões biológicas, que podem influenciar muito as atitudes de alguém, patologias físicas e mentais, entre outros que fazem parte da extensa lista de influenciadores do comportamento humano. Todos esses fatores podem ajudar a formar o repertório intelectual de cada um, e este irá determinar, entre outros conceitos, o que é normal para esta pessoa. Acima foram apontadas algumas possíveis definições da palavra normal, mas neste trabalho tentou-se desconstruir esse conceito. A ideia principal foi trabalhar a normalidade em sua forma subjetiva, inverter seus valores e retratar o resultado disso em forma de fotografias, essas sendo distorcidas pela objetiva do fotógrafo.

Para os atuais comentaristas da fotografia (sociólogos e semiólogos), a relatividade semântica é de enorme importância: não existe nada ‘real’ (grande é o desprezo pelos ‘realistas’, que não veem que uma fotografia é sempre codificada); só existe o artefato: *thésis*, não *physis*. A fotografia, segundo eles, não é uma analogia do mundo que ela reproduz; ela é produzida artificialmente, pois a ótica fotográfica na perspectiva (completamente histórica) de Alberti é secundária, e a exposição da película faz de um objeto tridimensional uma imagem bidimensional. (SANTAELLA e NÖTH, 2005, p.108)

Imagine uma pessoa normal. Repare nela, perceba seus detalhes. Provavelmente você materializou na sua mente alguém que você já conhece, uma pessoa que não apresenta nenhuma característica que chame muita atenção. Ela provavelmente tem tronco, dois braços, duas pernas, mãos e pés comuns. Uma cabeça, com dois olhos, boca, nariz, orelhas, cabelo. Tudo isso em tamanho e proporção comuns. Nada grande, pequeno ou deformado. Na nossa sociedade, o belo, o normal são convenções criadas pela maioria. Quem está fora desses padrões pré-estabelecidos pode ser considerado anormal?

Nem todo mundo tem a mesma ideia de o que tenha boa aparência. Certamente, não no retrato. A maioria dos retratados querem parecer melhores do que são, com o mínimo de imperfeições, rugas, queda de cabelo e por aí vai. Os fotógrafos tem certa vaidade e, por isso, nem sempre concordam com os desejos de seus retratados. (FREEMAN, 2013, p.46)

O diferente assusta, chama atenção, causa estranheza. Mas você é igual a alguém? Nem mesmo gêmeos univitelinos são idênticos, cada um apresenta características únicas e pessoais. Sendo assim você é diferente dos outros 7 bilhões de indivíduos que habitam nosso planeta. Então você é anormal? Você é estranho, assustador, digno de estranheza? Acredito que suas respostas tenham sido “não” para todas as perguntas, então aqui derrubamos a ideia de normalidade pré-estabelecida. Agora façamos uma última pergunta: alguém é normal? E eu respondo, citando Freud: “Na verdade, toda pessoa normal é apenas normal na média” (Freud, 1937, p. 250), e completo citando Caetano Veloso: “de perto, ninguém é normal”.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a realização do ensaio foi utilizada uma câmera DSLR Nikon D90, equipada com uma objetiva Sigma 8mm f/3.5 EX DG (EX quer dizer Excellence, termo que designa as lentes da linha profissional dessa marca; DG significa digital, apontando que essa

objetiva foi projetada para câmeras digitais, porém pode também ser usada em câmera analógicas). As imagens foram iluminadas somente por luz ambiente, sem interferência de equipamentos de iluminação. Como o ensaio mescla fotos internas e externas, não existe uma padronização na configuração da câmera para todas as imagens, ela foi calibrada em cada foto de modo que ficasse com a iluminação ideal. As imagens foram capturadas em formato RAW, por ser um arquivo que permite mais liberdade no momento da pós-produção. O ensaio foi realizado todo em um único dia, com sol intenso, favorecendo a captura com luz natural.

Para conseguir a distorção, que é a principal característica do ensaio, era pedido para que a pessoa ficasse parada e fizesse uma expressão facial “normal”, então se aproximava a câmera o máximo possível do rosto da pessoa, em um ângulo que favorecesse o efeito desejado, fazia-se a medição da luz e pronto, capturava a imagem. Foram fotografadas 15 pessoas e solicitada a autorização de uso de imagem para todas, das quais 3 não concederam, pois acharam que aquele retrato poderia denegrir sua imagem. Elas realizaram censura a si mesmas, porque aquelas fotografias faziam com que elas parecessem fora dos padrões. Após a captura as imagens foram transferidas para o software Adobe Photoshop Lightroom 4, para que recebessem o tratamento necessário. Foram realizados os seguintes ajustes: Aumento do contraste, correção do balanço de branco e da exposição, quando necessário, e aumento da claridade, este último para acentuar as texturas da pele, destacando poros e linhas de expressão.

Claridade é uma excelente ferramenta, que depois de usada pela primeira vez se torna indispensável. No Lightroom 4, o efeito *clarity* está muito mais sofisticado, e o comando é mais agressivo, devendo ser usado em valores muito menores que nas versões anteriores. O efeito visual, com valores positivos, é de tridimensionalidade, aumentando o contraste das áreas de baixa frequência e dando volume à imagem. (BARROSO, 2012, p. 327)

Feito isso, os arquivos foram exportados do software, em formato JPG com qualidade máxima. Na sequência os arquivos foram abertos no software Adobe Photoshop CS6 e exportados novamente com as seguintes características: formato JPEG, modo de cor RGB, qualidade 60 (high), resolução de 72 dpi e tamanho 600x800 pixels, de modo a atender as normas deste congresso.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O ensaio foi idealizado para a disciplina de fotografia, em que cada aluno deveria realizar um ensaio autoral artístico, tendo o direito de escolher o tema. Por ser avesso aos padrões e imposições que visam ditar como as pessoas devem ser, optei por tentar retratar isso de alguma forma. Queria mostrar que algo que foge aos padrões e é diferente do que estamos acostumados também pode ser atraente de alguma forma. Buscando então por uma técnica que possibilitasse isso, o estudo sobre imagens panorâmicas 360° e tour virtual, realizados com lentes *fisheye* trouxe a ferramenta que faltava. Nesse momento então se escolheu trabalhar com fotos de pessoas com sua imagem deformada pelo grande campo de visão proporcionado por uma lente 8mm.

A escolha dos modelos foi aleatória, pois determinar um tipo de pessoa a ser fotografado ia contra o conceito desse ensaio. O objetivo era fotografar pessoas comuns em seus locais de trabalho, estudo ou passeio.

Após a captura e edição das imagens, a etapa seguinte foi a seleção das que iriam compor o ensaio. O resultado foi uma sequência com 11 fotografias que retratam pessoas, deixando aberta ao expectador a decisão de considerar aquelas imagens normais ou estranhas.

6. CONSIDERAÇÕES

Muitos foram os aprendizados com a realização desse ensaio. “de perto ninguém é normal” foi uma lição em diversas áreas. Aprendi a controlar melhor a câmera e trabalhar com a distorção causada pela objetiva, melhorei também minha percepção para fotografar com luz natural e também a ter cuidado com a locação escolhida, para que a imagem ficasse interessante. Porém o que mais marcou, foi o que aprendi sobre as pessoas. Fotografar alguém e ela não conceder a autorização de uso de imagem me mostrou que não só a sociedade impõe padrões para as pessoas, mas as pessoas mesmas se julgam e não se aceitam se acharem que estão fora do que é socialmente aceitável. Nem mesmo com argumentação conseguir mudar a opinião dessas pessoas me mostrou que os estereótipos já estão tão presentes na vida das pessoas, que criaram raízes fortes e não são removidas facilmente. Agradeço a todos que me concederam os direitos de uso, por possibilitarem a existência deste ensaio, mas agradeço ainda mais aos que não assinaram a autorização, pois estes possibilitaram a constatação do que eu imaginava. Essas pessoas realmente não são

normais, porque não aceitar sua exposição distorcida por uma lente somente por medo de não agradar aos outros realmente é uma atitude digna de estranheza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCCHI, J., MENENDEZ J. e OLIVEIRA, L. – **Psicologia Clínica**, vol. 23, nº 2, Rio de Janeiro, RJ, 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652011000200015

BARROSO, C., Filho - **Adobe® Photoshop® Lightroom™ 4: O Guia completo para Fotógrafos Digitais**, 2. ed., Balneário Camboriú, SC, Ed. Photos, 2012.

SANTAELLA, L. e NÖTH, W. - **Imagem: Cognição, semiótica, mídia**, 4. ed., São Paulo, SP, Ed. Iluminuras, 2005.

FREEMAN, M. – **A visão do fotógrafo: Entendendo e apreciando grandes fotografias**, tradução técnica: Gustavo Razzera, Porto Alegre, RS, Ed. Bookman, 2013.